

## DO AMOR DIVINO E PERENE EM INÊS E PEDRO

O Amor de Inês e de Pedro, no século XIV, foi tão intenso mas também tão trágico que se tornou lendário, imortalizou-se, evoluiu para um mito sempre presente e fundador de maior consciência do valor do amor espontâneo e livre, mas também dos perigos que frequentemente o ameaçam.

Um mito verídico e dinâmico, não baseado apenas em especulações e imaginações mas fundado na realidade, testemunhado na vida e ampliado ao longo dos séculos por todos aqueles, nacionais e estrangeiros, e foram muitos, que se deixaram comover, inspirar e tocar por tal sintonia, entrega e vivência de amor e paixão, acima das convencionalidades e pseudo-razões que se opõem à união livre dos seres que se atraem e ressoam, dedicam e amam.

Esta história amorosa, tornada legendária e perene pela literatura popular e erudita e pela arte, continua a fecundar-nos e não podemos deixar de congratular-nos pelo seu arquetipismo operativo, já que, apesar do longo tempo decorrido de oito séculos, estes dois seres estão ainda tão vivos no imaginário e na alma dos portugueses que podem surgir a qualquer momento recriações da sua vida, amor e paixão.

A Maria De Fátima Silva, muito dada à investigação e ao culto da memória histórica, mítica e espiritual dos locais, tendo recentemente realizado algumas exposições consagradas à Atlântida e ao Portugal megalítico, teve a varinha de condão de sentir na floresta imaginal portuguesa a necessidade de mais uma vez vir ao de cima este veio do amor que ultrapassa as razões sociais, os ditames convencionais e assume a sua chama de conflagração libertadora e unificadora, tão valiosa face à massificação consumista e superficializante que acinzentou ou oprime as pessoas nas sociedades modernas, pouco espaço ou valor dando ao amor, à poesia e à liberdade.

A vida, amor e a morte destes dois apaixonados, para além do seu registo em crónicas e em poemas, adquiriu cedo nos túmulos uma materialidade artística tão radiosa e impressionante, nomeadamente ao serem erguidos no ambiente de um estilo gótico tão austero como o da Igreja de Alcobaça, que facilita eles serem agradavelmente admirados, contemplados e assimilados pela sensibilidade anímica de qualquer época e pessoa.

A Maria De Fátima Silva aproximou-se deste mito fundamental de Portugal com o triplo trabalho do artista, pois não só pôs as mãos, os pincéis e a paleta das cores em acção mas foi tanto lendo e meditando muitas das valiosas obras, crónicas e dramas, poemas e ensaios, dedicadas aos amores de Inês e de Pedro, como visitando locais associados à fuga e peregrinação inesiana, na busca de se impregnar mais dos eflúvios tanto remotos como próximos dos dois e que ainda hoje algo transmitem a quem souber sintonizar e sentir.

Ora é na monumental e poderosa Real Abadia de S. Maria de Alcobaça, no transepto da sua Igreja, que encontramos o testemunho mais imortalizante: os túmulos magistralmente esculpidos em pedra calcária, e que mais do que servirem para darem guarida aos ossos e serem uma memória, são antes maravilhosas chamas figurativas celebrando e invocando um amor que embora fisicamente truncado na Terra animicamente viverá «até ao fim do

mundo», tal como o justiceiro rei D. Pedro I pediu ao escultor para gravar na cabeceira do seu túmulo jacente, certamente uma encomenda transmitida e esculpida com muita carga psíquica, pathos, e após o da sua amada e mulher...

Estes dois túmulos góticos, nos quais um mestre provavelmente de Coimbra, e quase que num estilo de miniaturas iluminadas de Livro de Horas, ou hoje de banda desenhada, esculpiu magistralmente (embora mutilados em algumas partes pelos invasores franceses) nas edículas cenas da vida e morte de Inês e de Pedro, e de passos da vida de Jesus e da tradição cristã, estando as esculturas em tamanho natural acompanhadas de Anjos, serão a fonte mais consultada ou inspiradora da pintura forte e recriadora, histórica e cromaticamente, psicológica e espiritualmente de Maria Fátima, que certamente também ao longo dos dois anos do trabalho criativo de trazer o potencial à tela e nos seus sonhos e devaneios, pensamentos e meditações, comungou com o mundo histórico e trágico, amoroso e divino de Pedro e Inês e, quem sabe, com as suas almas espirituais, agora livres de todos ou muitos dos constrangimentos.

Poderemos talvez dizer que a bela e doce Inês é erguida, tanto pela cultura portuguesa como sobretudo pela pintura de Fátima, a um ser crístico, um ser ungido de amor, um ser sacrificado e martirizado, mas para que amor possa desabrochar ainda mais imparavelmente, perenemente.

É um Cristo (ungido) feminino português, amparado pelos Anjos, abraçado pelo marido e cuidando das suas crianças que contemplamos.

Nas edículas do túmulo de Inês, preenchidas com cenas das descrições do Novo Testamento, tendo a facial a crucificação de Jesus, podemos admitir essa implícita comparação: a de que a morte de Inês é como a morte de Jesus: um ser de amor que é recusado pelos seus pais, o sacerdócio judaico e o estado romano, tal como Inês é rejeitada pela convencionalidade religiosa e pelo pai do seu amado, o rei D. Afonso IV e vários do seu conselho, a que se seguirão os que ao longos dos séculos não serão Fiéis de Amor, nela e em Pedro, ou em si mesmos...

É no túmulo de D. Pedro que as delícias do amor na vida conjugal e o trágico assassinato de Inês são representados, assumindo D. Pedro o papel tanto de amoroso, como de queixoso e justiceiro, embora em ambos os túmulos jacentes estejam representados com as feições serenas, belas e apoiados pelos Anjos.

Muito disto ecoa nas pinturas da Fátima, por vezes trazendo Inês e Pedro para os nossos dias, tanto mais que a capacidade de ultrapassar os limites da linearidade do tempo é bem visível na sua obra, como que tendo acesso ao campo unificado de energia consciência e informação ou pelo menos tentando intuir os mistérios que a História sempre deixa nele.

O monumento magistral gótico tumular é interpelante, fracturante, no seu apelo e afirmação do Amor sacralizado e eterno acima das conveniências sociais, e a sua recriação artística ou pedagógica pode ser bem poderosa para despertar mais o amor em nós, a nossa vontade de sermos mais verdadeiros, sinceros e intensos nos breves momentos que a Roda da Fortuna acompanha a da Vida...

Assim a pintura de Maria De Fátima da Silva está carregada dessa intensidade do amor, do pathos, da paixão nos dois sentidos que aconteceram e, simultaneamente, da ressonância ou acompanhamento dos mundos espirituais e angélicos nos passos de amor e dor e de desencarnação, reunião e ressurreição em corpo psico-espiritual.

Este aspecto do amor que se passa tanto nesta vida como no além, é fundamental e está bem desenhado e colorido por Maria De Fátima Silva em cenas de beatitude amorosa que tanto podem ser terrenas como já nos mundos subtis, para além do sofrimento e da morte, da efemeridade e transitoriedade.

Talvez possamos dizer que historicamente a sagração lendária e perenizante foi começada a ser talhada nesses fabulosos dias 23, 24 e 25 de Abril de 1361 quando o corpo de Inês foi levado em procissão ou cortejo, à luz de archotes, de Santa Clara a Velha em Coimbra para a igreja de Alcobaça, a abadia real, onde coroada e sobre um trono recebeu na sua mão os beijos dos nobres, religiosos e da corte, ao som de ladainhas, cantos e música, à luz dos archotes e velas, com os aromas dos incensórios, sem dúvida um extraordinária antevisão da ressurreição, encenada na terra, em carne, tal era a intensidade do amor que os unia e percorreram os corpos, o pescoço ou colo, a pele, os lábios e todos os membros deles e que, no fundo, também quer acontecer por nós, apelando a tornar-mos mais seres de amor, de chama corajosa divina de criatividade e de dádiva.

A pintura de Maria De Fátima Silva, ainda que com muitos laivos de amor cortês ou de religiosidade gótica e angélica, está carregada de tal intensidade amorosa, que a torna assim carnal, musculada, de mãos, pés, seios, cabelos, sorrisos e ora em fusão amorosa ora em pietas de compaixão, e que surge para nossa contemplação apoiada nas geometrias e rosáceas góticas da época que ela soube sentir e recolher, recriando os ambientes do mundo histórico e da natureza que os envolveram, com destaque para as aves, e imaginando a ainda as graças da companhia dos Anjos no mundo psico-espiritual a que têm acesso, qual ilha do Amor intuída por Camões nos Lusíadas.

O realizar-se esta exposição e recriação do mítico amor de Inês e de Pedro, em Alcobaça, junto ao local onde se depositaram os seus corpos e onde algo deles é mantido, ou mesmo intensificado ocasionalmente, ao longo dos séculos, permite-nos auspiciar nesta exposição um carácter quase mágico, de ressurreição, de boa nova ou evangelho, anúncio do amor eterno ou perene que vence todos os obstáculos e limitações e nos chama a sermos verdadeiros e sinceros na entrega total ao amado ou à amada, de corpo, alma e espírito, e procurando verdadeiramente atingir a unidade e nela recebermos a bênção divina, a desvendação da nossa ligação espiritual, e que Inês e Pedro conseguiram certamente tocar e entrar e, através desta bela e intensa arte impregnada do amor, janelar entre os mundos, partilhar.

Na longa feitura e preparação desta exposição, nutrida por leituras e peregrinações, meditações e diálogos, dos quais um ou outro eu ainda participei, é evidente que a Fátima se apoiou no amor que sente e vive com o marido, a família, as amigas, o trabalho, as terras, a natureza e a cultura de Portugal e, claro, com Inês e Pedro...

Poderemos então dizer que esta exposição Amare é uma recriação perenizadora do Amor, na melhor tradição dos Fiéis do Amor de Portugal, na qual Inês e Pedro, D. Dinis e Isabel, o Infante D. Pedro das Sete partidas, Damião de Goes, Camões, Jorge Ferreira do Vasconcelos, Fernão Mendes Pinto, Bocage, Antero, Wenceslau de Moraes, Florbela Espanca, Leonardo Coimbra, entre outros, se inseriram, testemunhando tal qualidade na busca e vivência do amor e da justiça, da unidade e da Divindade. Possa esta exposição Amare ser uma bênção para as forças do Amor em Portugal e de Portugal para o Multi-universo e possa a comunhão dos Fiéis do Amor, o corpo místico da Humanidade e dos amantes concretizar-se, tornar-se mais perceptível no nosso coração e consciência íntima e aí como chama de amor divino ser mais sentida e contemplada, cultivada e partilhada...

Possa esta exposição ser verdadeiramente um comunhão no Graal de Portugal, tal como Maria De Fátima da Silva nas suas palavras introdutórias apela e que no coração de cada um de nós, e no coração de Portugal e do seu Arcanjo, a chama do Amor seja intensificada e desvendada e que todos os que aqui vierem em peregrinação de estudo histórico ou artístico, pedagógico ou contemplativo do Amor tão manifestado por Pedro e Inês, sejam por Ele inspirados e fortalecidos.

**Pedro Teixeira da Mota.**

23-IV-2018.